

VIDA FLUMINENSE

Folha III

ESTRUTURA

RA DO OLVIDO

22 - 32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

PROVINCIAS

35000	Semestre	18000
105000	Anno	218000
208000	Avulso	18000



Os Ferventes notáveis.
III.
O Commendador, Joaquim Bonifacio do Amaral.

A VIDA FLUMINENSE.

Joaquim Bonifácio do Amaral.

Damos hoje na primeira página o retrato do Sr. comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, fazendeiro notável entre tantos que o são no florescente município de Campinas, em S. Paulo. A sua fazenda das *Sete-Quedas*, hoje transformada em colônia, possui-nos já 200 lavradores alemães, exclusivamente transportados a expensas do Sr. Amaral. A notícia circumstanciada d'elle e da esperançosa estabelecimento, e do seu regimen administrativo e economicamente, vem-nos da-lhe em seguida; mas a estrela do espaço obriga-nos a transferi-la para o seguinte numero, em que apparecerá sua fôlta.

Rev. 16 de Dezembro de 1871.

Não se comprehende facilmente que possa haver comedia mais engraçada do que a que estão representando n'este momento os que se encarregarão da tristissima missão de processar os estudantes de medicina.

Reunão as scenas comrãs desempenhadas por Taborda, Vasques, Valle, Arcas e Martins; espre-mão-se bem para apurar em um só calice quanto ellas encerrão de jocoso, e verão que, no fim de contas, nem assim valerão a quarta parte de qualquer dos interrogatorios feitos aos subversivos, revolucionarios, perigosissimos anctores da terrivel parede academica, a qual, no pensar de alguns dos circumspectos cathedrauticos, é uma especie de muralha da China, um padrão da nossa barbaria, uma amostra do nosso espirito de des-ordem, o ponto negro que desponta no horizonte social e que não é senão o precursor do tremendo temporal que hade fazer tombar *fragosamente...* (este adverbio!... enfim, já que está, fêlta!) o ainda não consolidado porém já grande e magestoso edificio brasileiro, ou para melhor dizer sul-americano, por quanto, com o lento andar dos tempos, e seguindo a ordem natural das cousas, deve necessariamente o Brazil, n'um periodo talvez bem remoto ainda, mas.... (U! Embriui-me n'um labyrintho tal do orações incidentes, que não sei mesmo como me haverei para sahir d'elle. O Dr. Pinto Junior cantou um dia em verso, lindo verso, o *terno da interminavel guerra paraguaya*; eu, porém, que não sou tão bom poeta como o referido doutor (que, entre parenthesis, já deve ir chegando a gallo) não me sinto como forças para vêr tambem o termo da *interminavel*

período sobre a parede academica, acima escripto. Deixo-o portanto, em meio, assim com seus visos de obra embargada, ou de pretenção não afillotada, e pegi venia para entrar em outra ordem de ideias).

Ora ali vai:

Depois de um não acabar mais de prorogações, fechou-se ante-hontem a salinha provincial.

E para isso foi preciso trabalhar (trabalhar é o verbo que se deve empregar aqui; não se rião)... foi preciso trabalhar alguns dias seguidos até quatro e cinco horas da tarde.

Ora como a ninguém é licito trabalhar sem refazer as forças, os excellentissimos membros da honrada salinha restaurarão-as algumas vezes com empadinhas e pasteis da afamada confeitaria de Castellões & C., rua do Ouvidor n. 116, e outros com conshinas um pouco mais succulentas, taes como peixes e perús assados, arroz de forno etc., etc.

O arroz de forno faz-me lembrar uma anecdota historica, que me foi um dia narrada por um dos luzeiros do senado.

Era no tempo em que um sempre chorado Conselheiro desempenhava o cargo de chefe de Policia da Corte; devia haver grande jantar de politicos adversos.

Em politica parece que é regra jantear-se bem. Previdente como ninguém, o dito Conselheiro encarregou uma pessoa de sua confiança de assistir ao banquete e de não perder palavra da que n'elle se dissesse. Voltou o homem á noite:

—Então? perguntou o chefe de Policia.

—De lá venho agora mesmo. Excellentissimo. Esteve animadissimo e bem servido. Havia sobre-tudo um arroz de forno!

—Quem foi que fallou?

—No arroz de forno?

—Não homem de Deus!... em politica!

—Ah! fallarão muitos e com uma vehemencia!

—Sim, e que disserão?

—Do arroz de forno?

—Não!!! Do ministerio!!!

—Ah! disserão banalidades!... que era preciso reagir... fundar uma folha opposicionista.... Houve um porem, cuja linguagem... oh, essa!

—Quem era elle?

—Não me lembro.

—Mas em summa, que disse?!

—Não ouvi bem....
—Porem, com todos os diabos! que foi você fazer lá então!
—Ah, excellentissimo, estava tão bom... o arroz de forno!!!

Na salinha o arroz de forno também não estava mau... e lá passou o argumento com uma cauda de sessenta e tantos aditivos!
O Sr. Josino que se aguentar!
Que se agente como puder.

Boas novas:
Entrarão para o prédio dous primores litterarios, dous livros que ninguém deixará de ler e reler com summo prazer.

Um d'elles é uma collecção de mimosas e inspiradas poezias do joven Lucio de Mendonça, poeta de homem, que se apresenta hoje na arena, e que será laureado amanhã.

O outro é uma serie de *nocturnos*, contos em prosa, diz o auctor, mas que prosa! digo eu.

Versos, verdadeiros versos, fluentes, arrajados, lindos! Versos soltos, que não começam nem acabão no meio da pagina; versos escriptos como se costuma escrever a chilra prosa!

Eis o que são os *nocturnos* do Luiz Guimarães Junior, que estão sendo impressos com todo o luxo, em papel *dore sur tranche* e com um retrato do auctor, feito por Pedro Americo.

O anno novo ahi vem agalope.
Poder-se-hia offerecer a alguma senhora um presente de festas mais delicado do que qualquer destes dous livros?

Não, decerto!

A. DE C.

O livro do Sr. Alvarenga Peixoto.

Todos os que tem largas aspirações de futuro, os que lidam e se apanham na legitima ambição do engrandecimento, os homens que tentam fazer-se por si e elevar-se, sentem intimo jubilo ao ver que alguns dos seus pares, enhiados das planícies, ardemem as ingremes assomadas do poder ou da fortuna.

Um dos mais sympathicos obreiros de si mesmos, um dos que mais notavelmente se destacam d'esse grupo incitador é incontestavelmente o sr. dr. José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio-Branco.

Da nossa obscuridade e temos seguido par e passo na sua brilhantissima carreira; e desde as modestas e laboriosas funções de secretario do governo provincial até aos altos cargos de embaixador o presi-

dente do conselho de ministros o acompanham os nosos fervorosos votos e veementes applausos.

Foi pois com justificada a videz que temos o recente trabalho do sr. Alvarenga Peixoto (*), o seria desprimor não confessar já d'aqui a satisfação completa que nos causou.

A justiça dos contemporaneos raso a aleargam os homens eminentes. Na balança do julgamento ou se a volumam as fallas, ou se exageram os meritos. Só a posteridade sôe e manifestar-se sobranceira e inveja ou á bisonja.

Por fortuna, o bello livro de que nos occupamos extrinseca-se dos dous vicios, e o auctor sabe manter na exacta perpendicular o fiel da balança.

E' esta a suprema excellencia do escriptor; a que, por sobrada razão, mais deve ser indicada e applaudida.

Não é porém o seu unico dote. Em outras luzidas qualidades se avantajava esta obra sobre muitas outras que ahi surgem, incluídas da vaidade paternal, aspradas das luvamimilias dos fluriferarios professos. Escribo corrente e elegante, dicção elevada e castica (salvo um ou outro desvio) imagens felizes e naturaes são predicações que se não encontram communmente nas produções editadas em nossos prelos, sem excluir aquellas que se impõem á publica admiração pelos nomes ou aleunhas com que réem subscriptos.

Careceremos de demonstrar a asserção? Decodimo-nos pela negativa; mas em graça aos que ainda não tiveram ensejo de ler a biographia do sr. Visconde do Rio Branco seja-nos licito trasladar o seguinte trecho:

« Abrandava-se o miserando destino que Deus manda como expiação do genio. Dissipavam-se os amargurados dias da existencia do homem que se vota ás sciencias e ás letras sem os amparos da riqueza, existencia odiosa, edade do ferro, tumulto do genio, abyssmo que devora o talento.

« Como as horas de um longo presedelo, ou como o ven das humides e sombrias nevas que o sol da manhã desfaz, terminavam as noites que os melhores escriptores, vergados ao trabalho, temo passado no isolamento de um pobre quartinho, apouso que transubia a miseria, apouso que não querem para habitação os lacaes das casas aristocraticas.

« Cada homem deve viver do fructo do seu trabalho, diz o mundo; o negociante do seu commercio, o padre da sua missa. Tu, escriptor, vives do fructo da tua penna: trabalha, pobre servo da intelligencia; miseravel escravo do pensamento!

Tua alma soffre e chora? Enchuga as tuas lagrimas e faze-nos rir. Tens fome? Alimenta-te de enthusiasmo!

Pinta-nos a opulencia, lu que vives de privações

(*) *Apontamentos para a historia.* — O visconde do Rio-Branco, por Luiz de Alvarenga Peixoto, Rio. Typ. do Imp. Instituto Arctico, 1871.



"Sr. Custodio e sua esposa tem uma filha esbelta e elegante, a quem vão mandar tirar o retrato para ser vendido como amostra do 'Command' X. Responde, em... e quasi sempre unir-se a familia Custodio e seus favores."



"Sr. Custodio prefere a machina de photographia para Tacheco, a quem tributa admiracao, pela fidelidade e exactidão com que a reproduz o retrato, que mostra a todos as suas visitas com certo prazer e orgulho."



"Contanto geral a chegada da noiva. E os seus a. amigos da grande fraccional cobitas e calças freguesas"

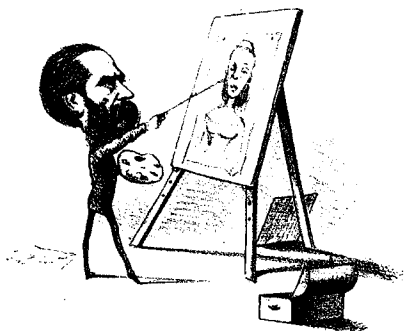


"To ver homem a mulher a quem e se unir-se, e case das Ruivas. A amostra, não confere com a moedadoria."



"Venha senhora, venha. Sua comedia senao supporta. Mas heide virar-se do retralista... eu firo prometa"

Felizes resultados da p



*Tacheco vê-se em apuros para salis
fazer o desfofo da Dña. Custódia.
A bellura e elegancia da moçorra são
são esquivadas... não ha remedio Senao
limpar e retocar o retrato.*

*O commoedador X recebe o retrato!
Meu Deus! que mulher, que
carinha... que elegancia, que
formas...! que mulher!!!
O commoedador fica logo...*



PHOTOGRAPHIA PACHECO



FARI A

*Esperar uma deusa e receber
um crocodilo... ja mais que
caiporismo! O sofredor Tacheco,
ho de... ..*

*E viragou-se, porque contando a historia
a todos os habitantes de... a maior parte
d'elles se deu pressa em vir logo, o re-
trato em casa do Tacheco. Todora.*

photographia retocada.

Conta-nos o prazer, tu a quem a d'oppor no. Afina o teu instrumento, monstreil talvez que nos dignarmos de alisar-te um louver por esmola; mandarmos ao seu retiro os usurarios da pena, os negociantes da litteratura, zangões que se nutrem á custa da laboriosa alheia, vampiros que se fartam de sangue novo e quente, ouzumeiros que medem teus poemas, pesam tua prosa, desconfiam da esperanca e deixam-te apenas quanto basta para que morras do fome."

Quanta verdade o eloquencia neste formoso quadro!

O livro do Sr. Alvarenga Peixoto é dos que desportam desde logo o interesse; é d'aquelles que se não largam sem se lhes concluir a leitura, e, fiada, lastima-se que tão breve seja.

E, em verdade, fôra para desejar que na segunda edição d'esta biographia o auctor dêsse maior desenvolvimento á narração de factos importantes, da vida do illustre visconde que pertencem á historia geral do paiz. Entre outros pedimos venia para lembrar os occorridos na ultima phase da guerra contra o Paraguay, periodo em que tão valiosos serviços prestou, e que tanto contribuiu para a terminação da prologada contenda.

Queira e possa o Sr. Alvarenga Peixoto continuar a colhar novos subsidios, enriquecendo d'estarte o peculiar dos *Apontamentos para a Historia*. O paiz lh'o ha de agradecer; e os futuros historiographos louvarão a tarefa memoravel.

Aqui deperitamos a pena, se uma averiguação litteraria no-lha não retivesse por poucos instantes mais.

Nem ociosa nem impertinente é a indagação que propomos, e pôde fornecer um capitulo curioso á avaliada collecção das *Supremacias litterares*.

O livro do Sr. Alvarenga Peixoto conclue com a transcrição de alguns periodos de um *artigo* de Victor Hugo, publicado ultimamente em Bruxellas, e que S. S. afirma ser uma propheta do inspirado poeta em referencia ao Brazil.

Ora o escripto pertence realmente ao auctor da *Lenda dos Seculos*; mas é, mudados os nomes e salvas pequeninas variantes e supressões (1), copia textual da sua primorosa introdução ao *Paris Guide*, repositório esplendido, *largo legido* (2) em que collaboraram os juizplices talentos da Franga moderna (3).

(1) Um ou outras devidas naturalmente ao escripto do traductor, que nos parece pessoa jovial e frequentadora do Alcazar, *Circunscripto decorado* por equivalente da *selecção decorosa* com *lousas e distracto* de café cantino.

(2) Vapereau.

(3) Quando a *Reforma* de 6 d'este mez publicou o seu folhetim, menos correctas bibliographia que desalato precitador, deora do livro do Sr. Alvarenga Peixoto já o nosso artigo tinha sido enviado á redacção da *Vida Fluminense*. Não fomos pois colher alli a noticia do desento preterito na obra do grande poeta, noticia differente ou antes mononocosa, porque não elle escreveu um *artigo*, nem tão pouco o feticuloso *Futuro de France*. Escreveu sim, como antes se diz, a introdução do *Paris Guide*, a qual por si só constitui um livro, do que effectivamente se fez tambem o livro

SENÃO NOTEJEMOS.

Haverá no XX secolo uma nação extraordinaria. Esta nação será gentiosa, e que não odiará a que seja livre. Será ilustre, rica, pensante, pacifica e cordial para com o resto da humanidade. Terá a grandeza de uma tribo nãtica, posto que seja a mais nova.

Eis qual será a nação de que fallamos.

Esta nação terá por capital a *Ilha de Janeiro*, e não a chamada *Ilha de*, chamada *Ilha de*, chamada *Ilha de*.

Chamar-se-á *America do Sul* no XX secolo, e nos seguintes, mais transporeada alio, chamar-se-á *Humanidade*.

A Humanidade, nação definitiva, (dizem imprimos o livro) é já inventada pelos pensadores, posto que contemplam as penumbras, mas isto a que assisto o século XIX é a formação da *America*.

Vida magnifica! Ha um embryonismo dos povos, como na dos genios, um momento sublime da transporeação, no qual o mysterio consente que o fitem. No momento em que os estamos divisoes nos entranhas da civilisação cada geração augusta. É a germinação da *America do Sul*, uma, unica. Estamos a ponto de ver deslucrar um povo que será o *Brazil* sublime. O ovario profundo do progresso, fecundado, contido, sob esta forma, já distincta, o futuro. A nação que ha de ser palpa na *America* actual como o ente aliado (*estado* fustero o livro) na larva reptil. No proximo seculo abrirá as duas asas, compostas, uma de liberdade, outra de firmeza de vontade.

O futuro será o continente fraternal. Cuidis, pois, cada um de adoptar a sua resolução, porque esta felicidade immanosa é inevitavel.

Da povo que não surja ainda, existe já a capital. Passos isto um prestigio, mas é uma loi. O futuro da nação formosa como o *actus* do homem, e a mysteriosa construção do embryão, simultaneamente vegetado e vida, actualizada sempre inevitavelmente pela vida.

A virgineira sicilia. Il y aura une nation extraordinaire. Cette nation sera grande, ce qui ne l'empêchera pas d'être libre. Elle sera illustre, riche, pensante, pacifique, cordiale, au reste de l'humanité. Elle aura la grandeur d'une tribu.

Voilà quelle sera cette nation.

Cette nation aura pour capitale Paris, et ne s'appellera point la France; elle s'appellera l'Europe.

Elle s'appellera l'Europe au vingtième siècle, et, aux siècles suivants, plus transporeada, elle s'appellera l'Humanité.

L'Humanité, nation definitive, est déjà inventée par les penseurs, est contemplée dans les penumbras, mais c'est à quoi assiste le dix-neuvième siècle, c'est à la formation de l'Europe.

Vie magnifique! Il y a un embryonisme des peuples, comme dans celle des génies, un moment sublime de la transporeation, au moment où le mystère consent à se laisser regarder. Au moment où nous sommes, une gestation auguste. C'est la germination de l'Europe, une, unique. Nous sommes à point de voir deslucrer un peuple qui sera le Brésil sublime. L'ovaire profond du progrès fécondé, contenu, sous cette forme, déjà distincte, l'avenir. Cette nation qui sera palpable dans l'Europe actuelle comme l'entente aliée dans la larve reptile. Au prochain siècle, elle déploiera ses deux ailes, faites, l'une de liberté, l'autre de volonté.

Le continent fraternel, tel est l'avenir. Qu'on prononce son parti, est immense bonheur est inevitable.

Avant d'avoir son peuple, l'Europe est en vie. De ce peuple qui n'existe pas encore, la capitale existe déjà. Cela semble un prodige, c'est une loi. Le futur des nations se comporte comme le futur de l'homme, et la mystérieuse construction de l'embryon, à la fois végétation et vie, actualisée toujours par la vie, commence toujours par la vie.

Quem commettia, pois, a fraude? Que interesse a induziu? Algum jornalista falho de materia? Algum d'esses aduladores da raça dos trapaceiros que n'esta cidade mandam ás pessoas dinheiras, em dias

apareada (Paris, par Victor Hugo, 8º gr. de 132 pages); e os diferentes capitulos do que se compoem tem por titulos I. *L'Europe*. II. *Le passé*. III. *Suprematie*. IV. *Paris*. V. *Fontaine de Paris*. VI. *Declaration de paix*.

de annos, ou por morte de parentes, sonetos aflicto em busca de escassos vintens?

A traducção, sob o titulo *Futuro do Brazil*, vi-mos-a principalmente no *Diário de Noticias*; e tempos depois achou entrada no *Journal de Commercio*.

Como foi que uma folha tão circumspecta e redigida por homens de letras deu calada a uma falsificação d'esta natureza não o sabemos nós dizer, porque não é possível admitir que a illustrada redacção ignorasse que da França e não do Brazil tracção o pae a naquelle se escreveu.

Adoptando para o seu livro alguns trechos da citada traducção, o intelligente biographo foi provavelmente arrastado a isso pela autoridade infallivel da grande folha commercial; e quem suppria peccar em tão orthodoxa o apañia?

Isto nos faz recordar o galante caso de uma gravura de Gavarni. Para uma novella que devia publicar-se no *Musee des Familles*, a direcção encaminhou ao celebrado artista um desenho que representasse um bonco olhando atravez das grades da sua cellula. Demorando-se, a novella appareceu sem illustração, mas o desenho concluiu-se o pagon se tambem. Havia de poder-se a gravura que tinha sahido excellente? Não era para desperdiçios tacs a discreta administração do p-riodico. Incumbia, pois, ao romancista Berthoud de procurar assumpto sobre que architectasse uma historieta a que o desenho podesse ser convenientemente adaptado. Folheando provavelmente a *Biographia Ua. Brasil*, o accuso lhe deparou o nome de Saldomir de Caus. Cahiudo-lhe em graça, apoderou-se do pobre engenheiro, e fez d'elle o que podia ser, mas não foi, um martyr do genio; carecia de um louco, desarranja o cerebro de Caus; necessita de uma prisão, colloca-o atraz das grades de Bicêtre; tudo enfim, segundo as exigencias da gravura, mas em total accordo com os factos historicos!

O romance teve immensa voga, que dura ainda, e a gravura reproduz-se em tiragens continuadas.

Quando Berthoud quiz enganar os credulos, que foram quantos leram o conto e virão o desenho, asseverando que era toda invenção da sua phantasia, retorquiu-se-lhe que demoradão vaidoso era a sua pretensão, tanto assim que em uma bibliotheca da Normandia existiam os documentos comprobatorios dos successos que Berthoud onzava dar como oriundos do sua imaginação!

Podrá o Sr. Alvaranga Peix to indicar-nos a origem da adulteração referida? Invocando o seu auxilio, só temos em mira elucidar este ponto, por puro interesse litterario, por ingenuo culto á verdade.

SVLVO.

Acerca dos Theatros.

Pouco ha a dizer desta vez sobre tal assumpto. No D. Pedro II cantou-se o bello *spartito* de

Mosquita, que, sob o titulo de *Vagabundo*, já havia proporcionado, outr'ora, ao distincto maestro brasileiro, os louros, a que só tem direito os talentos privilegiados.

Não foi menor o enthusiasmo que a opera desta vez causou. Distribuição mais do accordo com as inumeras bellezas da musica, interpretação justissima por parte da Sra. Pasi, e Srs. Leimi e Ordinas, e igual por parte dos outros artistas, deram o preciso realce ás melodias inspiradas do *Vagabundo*, obrigando o publico a proromper em manifestações estrondosas ao author da musica, e aos artistas encarregados de executá-la.

Não calarei aqui o nome do Sr. Dupont, tenor dotado de uma voz que é um thesouro, e que disse com certa elegancia o duetto com o soprano, trecho destinado a fazer por si só, a reputação de um grande mestre.

E' hoje o beneficio do barytono Marziali. Artista consciencioso, sempre prompto ao trabalho, e cooperando quanto lhe foi possível para o bom andamento da estação theatral, tem o Sr. Marziali direito á protecção do publico.

Segundo me consta não foi de balde que o supra-citado artista appellou para ella, por isso que hontem achavão-se vendidos quasi todos os camarotes.

Representa-se a *Africana*, e Pons repete a sua originalissima *Mamã-agatha*.

E' espectáculo que os amadores não terão tão cedo occasião de tornar a ver.

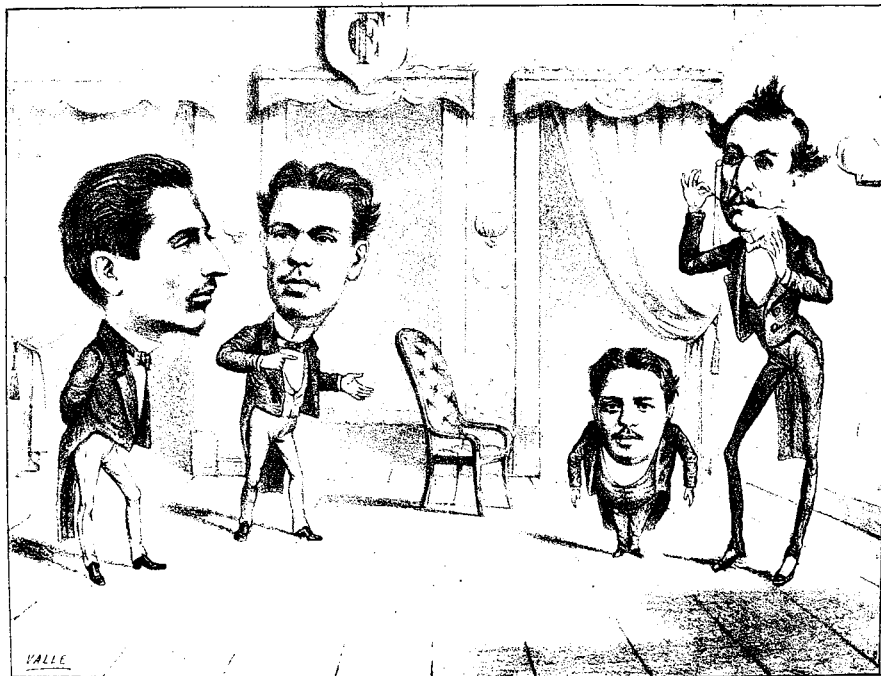
No theatro francez, subio á scena a espirituosissima comedia *Les jocrisses de l'amour*.

Representada admiravelmente por Mlle. Delmary, em quem eu folgo de reconhecer um dos mais variados e esplendidos talentos que tem pisado as taboas alcazarinas, e pelo Srs. Rosier, (inimitavel nesta comedia,) Roger, Dubois e Maris, o novo successo do Alcazar tem carreira aberta diante de si, se os nossos habitões começarem a comprehender que uma operetta bem cantada, ou uma comedia bem representada, são cousas muito preferiveis a todos os *krukans* deste mundo.

A. DE A.

Fica em nosso poder um artigo sobre o collegio as Laran-geiras que será publicado sabido proximo.

Typo de J. M. A. A. d'Aguiar, rua da Ajuda n. 108.



O que direi o admiravel collega do princezinho azul acerca do nosso baile-concerto?
 "Ora essa e boa!" Quando me metto nas cousas... nao ha que duvidar... Sendo corre de sorte
 por tal motivo...